

21abril 81
Brasília, Capital do Poder.



CORREJO BRAZILIENSE

Brasília

ENCONTRO COM A HISTÓRIA

Buresti: "A Europa está voltada para o passado"

Quando percorri o Catálogo Telefônico à procura do endereço de Ugo Buresti, deparrei com um endereço para mim estranho: MDB Conjunto 14. Estranhei, pelo fato dos endereços no Plano Piloto de Brasília, serem praticamente imutáveis. Mas o setor de mansões urbanas Dom Bosco passou por uma simplificação, e agora é somente MDB.

Atendeu-me do outro lado do telefone uma voz de "baixo" que solicitamente, dispôs-se a "dar alguma contribuição". "E, como aqui é muito distante, amanhã estarei na Associação Comercial, onde podemos conversar."

Na noite em que falamos ao telefone, Ugo Buresti (sem H) deixou escapar um "per favore", que denunciou sua origem italiana.

Pela manhã do dia seguinte fomos introduzidos em seu gabinete do Tesoureiro da Associação Comercial do Distrito Federal.

Lá estava, em plena atividade, um dos pioneiros de Brasília.

Ao perguntarmos por sua nacionalidade, respondeu-me na sua voz de cantor lírico: "sou brasileiro, mas nasci, cresci e estudei na Itália."

Esse orgulho em afirmar sua condição de brasileiro seria a constante em toda a entrevista.

Perguntamos inicialmente por que ele, Doutor em Economia pela Universidade de Florença, decidira vir para o Brasil numa época em que a Europa vivia a fase da reconstrução pós-guerra.

"A Europa está voltada para o passado e o Brasil está voltando para o futuro" foi sua resposta.

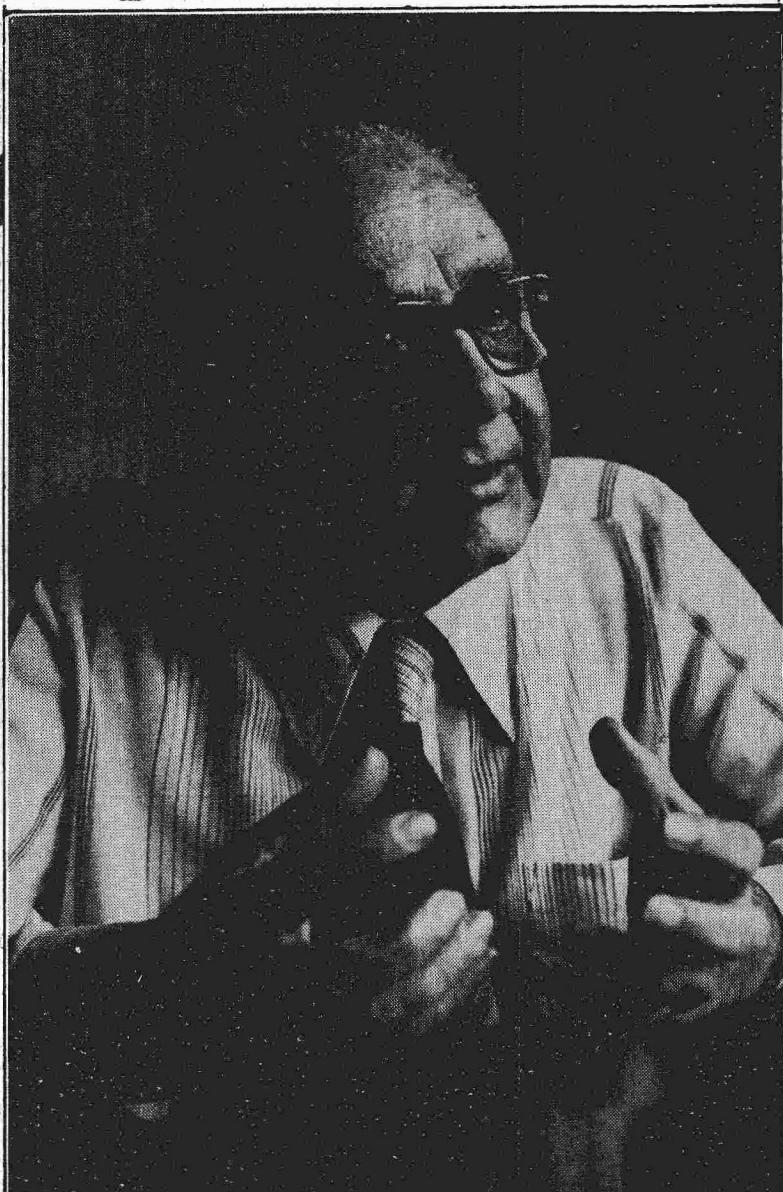
Residindo inicialmente em São Paulo, Ugo Buresti, assim que tomou conhecimento de que Juscelino Kubitschek tinha a determinação de cumprir a Constituição edificando a Capital Federal no interior brasileiro, decidiu-se "por participar desse fato histórico. Na realidade, já sentia a crise verificada na indústria e no comércio de São Paulo; o mercado consumidor estava fechado e limitado pela concepção litorânea da sociedade brasileira da época. O Brasil precisava de novos mercados que ditasse a expansão da indústria e do comércio, alargando os horizontes do País."

"Vim para Brasília com a consciência disso e, vi que, naquela época, o que eu podia fazer aqui era procurar e fornecer materiais básicos necessários à construção."

Em 1957 - quando chegou - o Brasília Palace estava nos alicerces. Um fato que acho necessário lembrar, é que talvez o Brasília Palace seja o único edifício de Brasília que não teve fundação em seus alicerces. A compactação do solo era feita pelos caminhões ao descarregar os materiais, até que essa compactação deu condições de se fazerem as "sapatas" do prédio.

Faltavam areia e pedra. Não havia estradas e o material teria que ser extraído nas proximidades. Pas-

foto: VANY CAMARA NEIVA



Para Buresti "Brasília está linda como a imaginamos"

sei a fazer prospecção nos córregos e pequenos rios que hoje estão sepultados pelo Lago Paranoá.

Onde encontrei areia em condições e quantidade para ser explorada foi no Rio Bananal. Os trabalhadores que iniciaram comigo essa pesquisa, eram em sua quase totalidade ex-garimpeiros e lembro que, lá no Rio Bananal, acharam as chamadas "formas" de ouro, ou seja; um tipo de cascalho que indicava a existência de ouro nas proximidades. Mas, o nosso problema era extrair areia e pedra."

Ugo Buresti descreveu em seguida as dificuldades de locomoção à época, quando até mesmo os "jipes" atolavam.

"Para se ter uma idéia - disse - do Núcleo Bandeirante até a Água Mineral, a gente gastava umas duas horas no percurso."

Quando Ugo Buresti falou sobre a "Água Mineral" estranhei a menção.

Ele esclareceu.

"Em Brasília não existiam ferramentas, vinha tudo de fora. Em trouxe uma draga, que instalei onde é hoje a Água Mineral. À medida

que a areia ia sendo retirada, formou-se um grande buraco que o pessoal passou a chamar de "Piscina Buresti". Daí da Água Mineral saiu a areia para as primeiras construções de Brasília. Só anos depois, com a construção das estradas, é que começou a vir areia de Corumbá.

A pedra, eu extraí ali no caminho do Paranoá. A pedra era duríssima por sua composição de silicato. Estragava demais as brocas e os mandris. Tive muito prejuízo com a pedreira, pois, depois de preparadas as instalações, a dureza da pedra mostrou o seu caráter antieconômico na exploração."

A grande mágoa de Ugo Buresti é pela perda de documentos relacionados com essa época. Sua residência sofreu um incêndio, e mais tarde um roubo, onde se perderam fotografias e filmagens da época. E, as poucas fotografias que restaram, um repórter as pediu emprestado e até "ontem" não havia devolvido, perdendo-se, assim, um precioso legado histórico de Brasília.

Em seu depoimento, Ugo Buresti fêz questão de elogiar o comportamento dos "candangos", e foi inci-

sivo: "o sucesso se deve aos nortistas. Abnegados, trabalhadores incansáveis. E com uma experiência de vida diferente daquela do sul do país. A gente tinha que respeitar sua formação. Às vezes, por exemplo um trabalhador pedia sua conta, dizendo que queria ir embora. Mas, não queria esperar nem o fim de semana e nem mesmo do dia. Então, antes mesmo do almoço, tinha-se que providenciar o cálculo e o dinheiro a que tinha direito. Neles se operava uma coisa muito bela no ser humano: o crescimento, a transformação, até mesmo no aspecto físico. À medida que a alimentação era mais regular, e que o sol penetrava em seus corpos, a gente notava uma mudança imensa. Vimos homens rudes em conhecimentos, em poucos meses serem meiooficiais, em um ano oficiais, e em dois já uns mestres nos ofícios que aprenderam. Uma coisa bela e admirável.

Para Ugo Buresti, o grande desafio que Brasília enfrentou, está na Região Geoeconômica. Lembrando a Comissão Poli Coelho, que defendeu a localização do Distrito Federal em uma área de 77.000 m², Buresti declara: "Não vejo Brasília como a futura megalópolis. As funções econômicas devem ser alargadas na Região Geoeconômica, para que Brasília fique sendo a cidade administrativa, o centro cultural e "estradal" com que foi idealizada e construída. Por isso - estendeu-se - sou a favor da representação política de Brasília no Congresso Nacional. É justamente para pressionar o Governo Federal a que resolva os problemas que são da Federação. É necessário que tenhamos no Congresso Nacional quem defenda os interesses da Cominidade.

Defendendo essa representação política em duas fases; a primeira, fundamental, na Câmara e no Senado, para só depois, numa segunda fase, através da implantação de uma Assembléia Legislativa.

Desenvolvendo o raciocínio (que defende publicamente desde os idos de 1976 e 77) de que somente a implantação de projetos agrícolas, absorvendo produtivamente a mão de obra na Região Geoeconômica, poderá freio no fluxo de migração que tem gerado o "inchamento" nas cidades-satélites de Brasília, Buresti elegeu o Governo do Estado de Goiás que vem desenvolvendo o "Projeto Alto-Paraíso", situado na Região Geoeconômica.

Perguntei-lhe finalmente se valeu a pena o esforço pioneiro.

Sua voz forte e sonora deixou trair a emoção e disse: "Sempre fui um cultor da História. Lendo "Os Sertões" de Euclides da Cunha já percebi a necessidade de interiorização. Eu, que vim aqui com a consciência de estar participando de um fenômeno histórico, estava sentindo o fato histórico no momento em que ele acontecia; vivendo-o ajudando na sua efetivação. Isto é uma satisfação que não se paga, não tem preço".